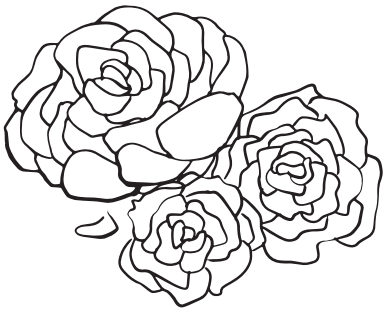


# UM

Yadriel não estava tecnicamente a invadir o local porque vivera no cemitério a vida toda. No entanto, invadir a igreja cruzava, sem dúvida, a linha da ambiguidade moral.

Ainda assim, para provar finalmente que era um *brujo* tinha de realizar o rito diante da Senhora da Morte.

E ela estava à espera dele dentro da igreja.

A garrafa reutilizável preta cheia de sangue de galinha batia contra a anca de Yadriel, enquanto ele se esgueirava pela pequena casa da sua família que ficava na parte da frente do cemitério. O resto dos artigos para a cerimónia estavam guardados na sua mochila. Ele e a sua prima Maritza baixaram-se ao passarem pelas janelas da frente, com cuidado para não baterem com a cabeça no parapeito. Silhuetas de *brujes* que comemoravam no interior dançavam nas cortinas. As suas gargalhadas e o som da música espalhavam-se pelo cemitério. Yadriel fez uma pausa, agachando-se nas sombras para verificar se o caminho estava livre, antes de saltar da varanda e escapar. Maritza seguiu logo atrás dele, com os seus passos a ecoar em conjunto com os de Yadriel enquanto corriam pelos carreiros de pedra e atravessavam poças.

O coração de Yadriel palpitava-lhe no peito. Os seus dedos roçaram nos tijolos molhados da parede de um columbário, enquanto ele procurava algum sinal dos *brujos* de serviço no cemitério naquela noite. Patrulhar o cemitério para garantir que nenhum dos espíritos dos mortos estava a causar problemas fazia parte das responsabilidades dos homens. Os espíritos que se tornavam malignos eram raros, portanto, as

rondas dos *brujos* consistiam principalmente em garantir que nenhum forasteiro se esgueirava para dentro dos muros do cemitério, manter as sepulturas livres de ervas daninhas e fazer a manutenção geral.

Ao ouvir uma guitarra a ser tocada mais à frente, Yadriel escondeu-se atrás de um túmulo, arrastando Maritza com ele. Espreitando pela esquina, viu Felipe Mendez encostado a uma lápide, tocando a sua *vihuela* e cantando. Felipe era um morador recente do cemitério des *brujes*. O dia da sua morte, pouco mais de uma semana antes, estava esculpido na lápide ao seu lado.

Es *brujes* não precisavam de ver um espírito para saber que havia um por perto. Os homens e mulheres da sua comunidade conseguiam senti-los, como um calafrio no ar ou uma comichão no fundo das suas mentes. Era um dos seus poderes inerentes, que lhes fora dado pela sua Senhora. Os poderes da vida e da morte: a capacidade de sentir doenças e ferimentos nos vivos e de ver e se comunicarem com os mortos.

Claro, essa capacidade não tinha grande utilidade num cemitério cheio de espíritos. Em vez de um calafrio repentino, vaguear pelo cemitério des *brujes* fazia Yadriel sentir uma comichão constante e gelada no pescoço.

No escuro, ele mal conseguia identificar a qualidade transparente do corpo de Felipe. Os dedos deste moviam-se num borrão fantasmagórico enquanto dedilhavam as cordas da sua *vihuela* — era a sua amarra, o seu bem material mais importante, que o mantinha ancorado à terra dos vivos. Felipe ainda não estava pronto para ser libertado para a vida após a morte.

Passava a maior parte do tempo no cemitério, a tocar a sua música e a chamar a atenção das *brujas*, tanto as vivas como as mortas. A sua namorada, Claribel, expulsava-as sempre e os dois passavam horas juntos no cemitério, como se a morte nunca os tivesse separado.

Yadriel revirou os olhos. Era tudo muito dramático, na opinião dele. Seria bom se Felipe pudesse seguir para o além, pois então Yadriel poderia ter uma boa noite de sono sem ser acordado pelas discussões entre Felipe e Claribel ou, pior, pelas suas terríveis interpretações de *Wonderwall*.

Mas es *brujes* não gostavam de forçar um espírito a atravessar. Enquanto os espíritos fossem pacíficos e não se tornassem malignos, os

*brujos* deixavam-nos em paz. No entanto, nenhum espírito podia ficar para sempre, pois acabariam por se tornar versões violentas e distorcidas de si mesmos. Estar preso entre a terra dos vivos e a terra dos mortos desgastava um espírito, destruindo a sua humanidade. As partes que os tornavam humanos acabavam por desaparecer e, então, os *brujos* não tinham escolha a não ser cortar a conexão à sua amarra e libertá-los para a vida após a morte.

Yadriel fez sinal a Maritza para segui-lo por um atalho para que Felipe não os visse. Quando o caminho ficou livre, ele puxou pela manga da camisa de Maritza e fez-lhe um aceno com a cabeça. Depois, avançou correndo, serpenteando por entre as estátuas de anjos e santos, com cuidado para que a sua mochila não ficasse presa nos dedos estendidos destes. Havia túmulos elevados e alguns mausoléus grandes o suficiente para acomodarem uma família inteira. Ele andara por estes caminhos centenas de vezes e conseguia navegar pelo labirinto de túmulos mesmo a dormir.

Teve de parar novamente quando depararam com os espíritos de duas meninas a brincar à apanhada. Elas perseguiam-se uma à outra com os seus caracóis escuros e vestidos a combinar ondulando em seu redor. Riam como doidas, enquanto atravessavam a correr os pequenos túmulos semelhantes a casas de pássaros que continham restos cremados. Os túmulos tinham sido pintados à mão em cores vivas e estavam dispostos em fileiras apinhadas de amarelo-dourado, laranja pôr do sol, azul-céu e verde espuma do mar. Portas de vidro revelavam urnas de barro no interior.

Yadriel oscilou na ponta dos pés enquanto ele e Maritza se escondiam. Ver os espíritos de duas meninas mortas a correr por um cemitério assustaria provavelmente a maioria das pessoas, mas as pequenas Nina e Rosa eram perigosas por outro motivo. Ambas eram grandes tagarelas e ele não podia confiar que elas não o denunciassem ao seu pai. Quando elas sabiam algum segredo sobre alguém, ameaçavam essa pessoa com o que sabiam e submetiam-na a torturas inimagináveis.

Torturas como passar horas a brincar às escondidas, onde elas usavam sempre os seus corpos incorpóreos para fazer batota ou deixavam, propositadamente, a pessoa à espera de ser encontrada atrás de um

caixote do lixo fedorento numa tarde quente de Los Angeles. Era, sem dúvida, melhor não ficar a dever nenhum favor àquelas duas.

Quando as miúdas desapareceram finalmente, Yadriel não perdeu tempo a correr até ao seu destino final.

Eles viraram uma esquina e ficaram cara a cara com a entrada em pórtico da igreja. Yadriel inclinou a cabeça para trás. Diante dele, erguia-se um arco formado por tijolos caiados empilhados. As palavras «El Jardín Eterno» tinham sido delicadamente rabiscadas à mão em tinta preta. O Jardim Eterno. A tinta estava desbotada, mas Yadriel sabia que o seu primo Miguel já tinha sido encarregado de lhe aplicar uma nova camada antes do início das festividades do Dia dos Mortos, dali a alguns dias. Um cadeado pesado e trancado impedia a entrada de qualquer invasor.

Enquanto líder das famílias des *brujes*, o pai de Yadriel, Enrique, tinha as chaves e só as entregava aos *brujos* que estivessem de serviço a guardar o cemitério à noite. Yadriel não tinha uma chave, o que significava que só podia entrar durante o dia ou para rituais e celebrações.

— *¡Vámonos!* — O sussurro áspero de Maritza e a sua unha bem cuidada, que se cravou nas suas costelas, fizeram Yadriel saltar. O cabelo curto e espesso dela estava penteado num estilo solto. Caracóis cor-de-rosa pastel e roxo emolduravam o seu rosto em forma de coração, destacando-se contra a sua pele bem morena. — Temos de entrar antes de sermos vistos por alguém!

Yadriel afastou-lhe a mão com uma palmada.

— *Chiu!* — soprou.

Apesar das suas palavras de advertência, Maritza não parecia preocupada por se poder meter em sarilhos. Na verdade, parecia completamente entusiasmada. Tinha os olhos escuros arregalados e um sorriso malicioso, que Yadriel conhecia muito bem, a dançar-lhe nos lábios.

Yadriel rastejou até ao lado esquerdo do portão. Havia um espaço entre a última barra de ferro forjado e a parede, onde os tijolos tinham desabado. Ele atirou a mochila por cima da parede antes de se virar de lado e passar pelo espaço, contorcendo-se. Mesmo com a sua faixa de poliéster e *spandex*, a barra arranhou-lhe dolorosamente o peito. Do outro lado, ele demorou um momento para ajustar o *top*

de alças curto que usava debaixo da camisa para que os fechos não se lhe enfiassem nas costelas. Demorara algum tempo para encontrar um que lhe masculinizasse o peito sem lhe provocar comichão nem ser extremamente apertado.

Pendurando a mochila ao ombro, Yadriel virou-se para deparar com Maritza a experimentar um pouco mais de dificuldade. Ela tinha as costas espremidas contra os tijolos e as pernas escarranchadas uma de cada lado da barra, enquanto se tentava arrastar para passar. Yadriel enfiou o punho na boca, sufocando uma gargalhada.

Maritza lançou-lhe um olhar furioso, enquanto tentava fazer passar o traseiro.

— *¡Cállate!* — sibilou ela antes de finalmente passar com dificuldade. — Vamos precisar de outra maneira de entrarmos aqui em breve. — Limpou a sujidade que se agarrara às suas calças. — Estamos a ficar demasiado grandes.

— O teu *rabo* está a ficar demasiado grande — brincou Yadriel. — Talvez devesses largar os *pastelitos*. — Sorriu.

— E perder estas curvas? — perguntou ela, passando as mãos pela cintura e ancas. Maritza ofereceu-lhe um sorriso sarcástico. — Obrigada, mas preferia morrer. — Ela deu-lhe um soco no braço antes de caminhar em direção à igreja.

Yadriel correu para a alcançar.

Fileiras de cravos-túnicos — as flores dos mortos — ladeavam o caminho de pedra. As flores cor de laranja e amarelas altas encostavam-se umas às outras como amigas bêbedas. Os seus botões tinham explodido, florescendo durante os meses que antecediam o Dia dos Mortos. Pétalas caídas polvilhavam o chão como confetes.

A igreja estava pintada de branco e tinha um telhado de terracota. Janelas com painéis superiores flanqueavam ambos os lados das grandes portas de carvalho. Por cima, havia uma pequena alcova encaixada numa parede semicircular, abrigando outra cruz. De cada lado, dois recortes alojavam sinos de ferro.

— Estás pronto? — Não havia nenhuma expressão de apreensão no rosto de Maritza ao observá-lo. Ela fez um sorriso rasgado, praticamente dançando nas pontas dos pés.

O coração de Yadriel pulsava-lhe nas veias. Os nervos agitavam-se no seu estômago.

Ele e Maritza costumavam percorrer o cemitério às escondidas à noite desde que eram crianças. O cemitério era um bom lugar para se esconderem e brincarem quando eram pequenos, pois era suficientemente perto de casa para ouvirem Lita[1] quando ela os chamava para jantar. Mas nunca tinham *entrado* na igreja antes. Se ele o fizesse, estaria a quebrar cerca de uma dúzia de regras e tradições des *brujes*.

Se o fizesse, não havia como voltar atrás.

Yadriel assentiu rigidamente, de punhos cerrados ao lado do corpo.

— Vamos a isso.

Ele sentiu os cabelos da nuca arrepiarem-se ao mesmo tempo que Maritza estremecia ao seu lado.

— Isso o quê?

A pergunta ríspida fez os dois darem um salto. Maritza saltou para trás e Yadriel teve de lhe agarrar os braços para a impedir de o atirar ao chão.

À esquerda deles, encontrava-se um homem ao lado de um pequeno túmulo cor de pêssego.

— Bolas, Tito — resmungou Yadriel, com uma mão ainda a segurar a parte da frente da sua camisola de capuz. — Pregaste-nos um susto do caraças!

Maritza fungou indignada.

Às vezes, um fantasma podia passar despercebido, até mesmo para Yadriel e Maritza.

Tito era um homem atarracado, que vestia a camisola grená da equipa de futebol da Venezuela e calções e usava um grande chapéu de palha velho na cabeça. Ele semicerrou os olhos para Yadriel e Maritza, fitando-os por baixo da aba enquanto se inclinava sobre os cravos. Tito era o jardineiro de longa data do cemitério.

Ou, bem, *fora*. Tito estava morto há quatro anos.

Quando estava vivo, Tito fora um jardineiro incrivelmente talentoso. Costumava fornecer todas as flores para as celebrações des *brujes*, bem como para casamentos, festas e funerais para o pessoal não-mágico de

[1] Lita, diminutivo de «abuelita» (avozinha). (*N. da T.*)

Los Angeles Leste. O que começara como uma venda de flores em baldes na feira local transformara-se na sua própria loja física.

Depois de morrer durante o sono e de o seu corpo ter sido sepultado, Tito reaparecera no cemitério, determinado a cuidar das flores que cultivara meticulosamente durante a maior parte da sua vida. Dissera ao pai de Yadriel que ainda tinha trabalho a fazer e não confiava em mais ninguém para o assumir.

Enrique dissera que Tito poderia ficar enquanto fosse Tito. Yadriel perguntava a si mesmo se o seu pai poderia ser impedido pela teimosia pura de libertar o espírito de Tito, mesmo que tentasse.

— Isso o quê? — repetiu Tito. Sob as luzes alaranjadas da igreja, ele parecia suficientemente sólido, embora fosse um pouco transparente quando comparado com a tesoura de jardim bastante corpórea na sua mão. Os espíritos tinham as bordas esmaecidas e tinham tons um pouco menos vivos do que o mundo à sua volta. Pareciam uma fotografia desfocada e com a saturação diminuída. Se Yadriel virasse um pouco a cabeça, a forma de Tito esborratava-se e desaparecia contra o fundo.

Yadriel flagelou-se mentalmente. Os seus nervos estavam a levar a melhor sobre ele, distraindo-o e evitando que sentisse Tito mais cedo.

— Porque é que vocês os dois não estão em casa com todos os outros? — insistiu Tito.

— Hum, íamos para a igreja — disse Yadriel, mas a voz falhou-lhe a meio da frase. Ele pigarreou.

A elevação de uma sobrancelha farfalhuda indicou que Tito não acreditara na explicação.

— É só para verificarmos algumas coisas, sabe. — Yadriel encolheu os ombros. — Garantir que está tudo… organizado.

Com um *tzzt*, a tesoura de Tito cortou um cravo murcho pelo caule.

Maritza deu uma cotovelada nas costelas de Yadriel e inclinou a cabeça de modo incisivo.

— Oh! — Yadriel tirou a mochila das costas e vasculhou lá dentro, tirando um pano branco enrolado. — Trouxe uma coisa para si!

Felipe estava demasiado ocupado com a namorada para se importar com o que Yadriel e Maritza faziam e era muito fácil passar por Nina

e Rosa, mas Tito era um pouco imprevisível. Tito tinha sido um bom amigo do pai de Yadriel e tinha muito pouca paciência para tolices.

Mas umas ofertas de comida pareciam fazê-lo desviar o olhar.

— A Lita acabou de o fazer, ainda está quente! — Yadriel puxou as camadas para trás para revelar uma *concha*. O delicioso pão doce tinha uma cobertura quebradiça e parecia uma concha. — Trouxe-lhe um verde, o seu favorito! — Se as suas mentiras péssimas não tinham convencido Tito, talvez o *pan dulce* o pudesse influenciar.

Tito acenou com a mão com desdém.

— Não me interessa o que vocês dois *buscapleitos* andam a fazer — resmungou ele.

Maritza ofegou e pressionou a mão contra o peito, dramaticamente.

— *Nós?* Nós nunca…!

Yadriel deu um empurrão a Maritza para a fazer calar-se. Não achava que fossem desordeiros, especialmente em comparação com outres *brujes* mais jovens, mas também sabia que fingir demasiada inocência não funcionaria com Tito.

Felizmente, Tito parecia querer livrar-se deles.

— Fora daqui — disse ele com desdém. — Mas não toquem nos meus *cempasúchitl*[2].

Yadriel não precisou de o ouvir duas vezes. Agarrou no braço de Maritza e dirigiu-se para a igreja.

— Deixem a *concha* — acrescentou Tito.

Yadriel deixou-a em cima do túmulo cor de pêssego, enquanto Tito voltava a aparar os seus cravos.

Depois, subiu a correr os degraus da igreja, com Maritza logo atrás. Com um forte empurrão, as pesadas portas abriram-se com um gemido.

Yadriel e Maritza avançaram furtivamente pelo corredor. O interior era simples. Ao contrário de uma igreja padrão, não havia muitas filas de bancos nem assentos no fundo. Quando es *brujes* se reuniam para cerimónias e rituais, ficavam todos de pé em grandes círculos no espaço aberto. Três janelas altas compunham a abside da igreja. Durante o dia, a luz do Sol da Califórnia atravessava os intrincados vitrais coloridos. Dezenas de velas apagadas enchiam o altar principal.

[2] Cravos-túnicos. (*N. da T.*)

Numa saliência a meio da parede havia uma estátua da sua deusa sagrada, a *diosa* que concedera aes *brujes* os seus poderes há milhares de anos, quando deuses e monstros vagueavam pelas terras da América Latina e das Caraíbas: a Senhora dos Mortos.

O esqueleto fora esculpido em pedra branca. A tinta preta acentuava as linhas dos seus dedos ossudos, um sorriso cheio de dentes e os olhos vazios. A Senhora da Morte usava um *huipil*[3] tradicional, debruado a renda branca, e uma saia em camadas. Um manto fora colocado sobre a sua cabeça, fluindo até descansar sobre os seus ombros. A gola do vestido e a bainha do manto apresentavam um bordado de flores delicadas feito com fio de ouro. Um buquê dos cravos recém-cortados de Tito estava nas suas mãos esqueléticas.

Ela tinha muitos nomes e iterações — Santa Morte, *la Huesuda*, Senhora das Sombras, *Mictecacihuatl*. Dependia da cultura e da língua, mas cada representação e imagem conduzia ao mesmo. Ser abençoado pela Senhora da Morte, ter o seu próprio *portaje* e servi-la, era o que Yadriel mais desejava no mundo. Ele queria ser como os outros *brujos*, encontrar espíritos perdidos e ajudá-los a passar para a vida após a morte. Queria ficar acordado a noite toda a fazer o serviço aborrecido do cemitério. Até passaria horas a arrancar ervas daninhas e a pintar túmulos se isso significasse ser aceite pelo seu povo como um *brujo*.

Conforme se aproximava dela, impulsionado pelo seu desejo de a servir, Yadriel pensou em todas as gerações de *brujes* que tinham tido as suas próprias cerimónias dos quinze anos ali. Homens e mulheres que tinham emigrado de todo o lado — México e Cuba, Porto Rico e Colômbia, Honduras e Haiti, até mesmo dos antigos incas, astecas e maias — todos com os poderes que tinham recebido das mãos dos antigos deuses. Uma mistura de culturas vibrantes e com subtilezas maravilhosas que se uniam para compor a sua comunidade.

Quando completavam quinze anos, es *brujes* eram apresentados à Senhora da Morte, que lhes dava a sua bênção e fixava a magia que possuíam ao canal por eles escolhido, o seu *portaje*. Para as mulheres, os

[3] Peça de roupa tradicional usada por mulheres indígenas desde o centro do México à América Central. É uma túnica solta feita de três pedaços retangulares de tecido, geralmente de algodão. Os *huipils* tradicionais são habitualmente decorados com desenhos, bordados, fitas e rendas. (*N. da T.*)

*portajes* assumiam geralmente a forma de um rosário (um símbolo que começara como um colar cerimonial, sendo depois alterado com a ascensão do catolicismo na América Latina). Era uma joia que podia passar despercebida e terminava com um amuleto que podia conter uma pequena quantidade de sangue de animal sacrificado. Embora um crucifixo fosse o símbolo mais comum, às vezes o rosário de uma *bruja* terminava num coração sagrado ou numa estatueta da Senhora da Morte.

Os *portajes* dos homens costumavam ser adagas de algum tipo, pois era necessária uma lâmina para cortar o fio dourado que prendia um espírito às suas amarras terrenas. Ao cortarem essa ligação, os *brujos* conseguiam libertar os espíritos para a vida após a morte.

Ser presenteado com o seu *portaje* era um importante rito de passagem para todos es *brujes*.

Todos, exceto Yadriel.

A sua cerimónia dos quinze anos tinha sido adiada indefinidamente. Ele completara dezasseis anos em julho passado e estava cansado de esperar.

A fim de mostrar à sua família o que era, *quem* era, Yadriel precisava de passar pela sua própria cerimónia dos quinze anos — com ou sem as bênçãos deles. O seu pai e o resto des *brujes* não lhe tinham deixado outra escolha.

O suor escorria pela espinha de Yadriel, enviando um arrepio pelo seu corpo. O ar parecia carregado, como se o chão vibrasse de energia debaixo dos seus pés. Era agora ou nunca.

Ajoelhando-se diante da Senhora da Morte, ele desempacotou os artigos de que precisava para o ritual. Colocou quatro velas de oração no chão, dispostas em losango para representar os quatro ventos, e uma tigela de barro foi colocada no centro para representar a terra. Yadriel roubara uma minigarrafa de tequila *Cabrito* de uma das caixas que tinham sido recolhidas para as oferendas do Dia dos Mortos. Atrapalhou-se com a garrafa antes de conseguir tirar a tampa e despejá-la na tigela. O cheiro fez o seu nariz arder. Ao lado, colocou um pequeno frasco de sal.

Depois, tirou uma caixa de fósforos do bolso das calças de ganga. A chama tremeluziu enquanto ele acendia as velas. As luzes bruxu-

leantes fizeram cintilar os fios dourados do manto da Senhora da Morte, refletindo-se nas suas dobras e fendas.

Ar, terra, vento e fogo. Norte, sul, este e oeste. Todos os elementos necessários para convocar a Senhora da Morte.

O último ingrediente era o sangue.

Convocar a Senhora da Morte exigia uma oferenda de sangue. Era a coisa mais poderosa que se podia dar, pois continha vida. Dar sangue à Senhora da Morte era dar-lhe uma parte do corpo terreno e do espírito. Era tão poderoso que o sangue humano dado em sacrifício não podia ser mais do que algumas gotas, caso contrário, a oferta seria suficiente para drenar a força vital de ume *bruje*, levando à morte certa.

Havia apenas dois rituais que exigiam que es *brujes* fizessem uma oferenda do seu próprio sangue. Quando nasciam, as suas orelhas eram furadas, libertando uma quantidade mínima de sangue. Este ato permitia-lhes ouvir os espíritos dos mortos. As orelhas de Yadriel estavam alargadas com túneis de plástico preto. Ele gostava de homenagear a antiga prática des *brujes* de alongar os lóbulos das orelhas com discos cada vez maiores feitos de pedras sagradas, como obsidiana ou jade. Com o passar dos anos, tinha-os aumentado até ao tamanho de uma moeda de dez cêntimos.

A única outra altura em que es *brujes* usavam o seu próprio sangue em sacrifício era durante a cerimónia dos quinze anos. A oferenda era feita a partir da língua para os deixar falar com a *diosa*, para pedirem à Senhora da Morte a sua bênção e proteção.

E esse corte era feito com o próprio *portaje*.

Maritza tirou uma trouxa de pano da sua mochila e estendeu-lha.

— Demorei semanas a fazê-lo — disse ela enquanto Yadriel desatava o cordel. — Queimei-me umas oito vezes e quase cortei um dedo, mas acho que o meu pai desistiu de me tentar manter fora da forja. — O encolher de ombros dela era indiferente, mas ela estava muito direita, com um sorriso orgulhoso a puxar-lhe os cantos dos lábios. Yadriel sabia que aquilo era muito importante para ela.

A família de Maritza forjava armas há décadas para os homens, um ofício que o pai dela trouxera do Haiti. Ela tinha um grande interesse em aprender a fabricar lâminas com ele. Como não era usado sangue

nas lâminas antes das cerimónia dos quinze anos de um rapaz, aquela era uma maneira de ela ainda fazer parte da comunidade sem comprometer a sua ética. A mãe dela não achava que fosse uma escolha de carreira adequada para uma rapariga, mas quando Maritza decidia algo era impossível dissuadi-la.

— Não é nada berrante ou ridícula como a do Diego — disse ela revirando os olhos, referindo-se ao irmão mais velho de Yadriel.

Yadriel afastou o resto do pano, revelando uma adaga aninhada no interior.

— Uau — murmurou ele.

— É prática — explicou Maritza, debruçada sobre o ombro dele.

— É *incrível* — corrigiu Yadriel, com um sorriso largo a rasgar-lhe a face.

Maritza sorriu de felicidade.

A adaga tinha o comprimento do antebraço dele, com uma lâmina reta e uma guarda cruzada que se curvava como um *S* deitado. A Senhora da Morte tinha sido delicadamente pintada no cabo de madeira polida. Yadriel segurou a adaga na mão. Era sólida e tranquilizadora. Ele traçou com o polegar as linhas finas em tinta dourada que irradiavam da Senhora da Morte, sentindo cada pincelada intrincada.

Esta era a sua adaga. O seu *portaje*.

Yadriel tinha tudo o que precisava. Agora, só faltava terminar o ritual.

Ele estava pronto para isto. Estava *determinado* a apresentar-se à Senhora da Morte, quer os outros aprovassem quer não. Mas, ainda assim, hesitou. Segurando o seu *portaje* enquanto olhava para a Senhora da Morte, mordiscou o lábio inferior. A dúvida rastejava sob a sua pele.

— Ei.

Yadriel saltou quando Maritza pousou uma mão firme no seu ombro. Os olhos castanhos dela tinham uma expressão intensa enquanto lhe estudavam o rosto.

— É só que… — Yadriel pigarreou, varrendo o espaço com os olhos.

As sobrancelhas de Maritza ergueram-se de preocupação.

Os quinze anos des *brujes* eram o dia mais importante das suas vidas. O pai, o irmão e a *abuela* de Yadriel deviam estar ao seu lado. Enquanto

ele se ajoelhava no chão de pedra dura, o vazio pressionava-se à sua volta. No silêncio, ele podia ouvir a estática das chamas inquietas das velas. Debaixo do olhar encovado da Senhora da Morte, Yadriel sentiu-se pequeno e sozinho.

— E se… e se não funcionar? — perguntou ele. Mesmo sendo quase um sussurro, a sua voz ecoou pela igreja vazia. Ele sentiu o coração apertar-se. — E se ela me rejeitar?

— *Escúchame*. — Maritza apertou-lhe os ombros com força. — Vais conseguir, está bem?

Yadriel assentiu, humedecendo os lábios secos.

— Tu sabes quem és, *eu* sei quem és, e a nossa Senhora também sabe — disse ela com uma convicção feroz. — Por isso, os outros que se lixem! — Maritza sorriu-lhe. — Lembra-te da razão por que estamos a fazer isto.

Yadriel preparou-se e falou com o máximo de coragem que conseguiu reunir.

— Para eles verem que eu sou um *brujo*.

— Bem, sim, mas além disso.

— Por despeito? — adivinhou Yadriel.

— Por despeito! — concordou Maritza com entusiasmo. — Eles vão sentir-se bastante estúpidos quando lhes mostrares. E eu quero que saboreies esse momento, Yads! A sério — ela inspirou intensamente pelo nariz e juntou as mãos contra o peito —, saboreia o *doce* gosto da vingança!

Uma risada saltou na garganta de Yadriel.

Maritza sorriu.

— Vamos a isto, *brujo*.

Yadriel podia sentir um sorriso pateta a regressar ao seu rosto.

— Mas não estragues tudo, fazendo a *diosa* acertar-te com um raio ou algo assim, está bem? — disse ela, recuando alguns passos. — Não posso carregar sozinha a responsabilidade de ser a ovelha negra da família.

Ser transgénero e homossexual dera a Yadriel o título de Ovelha Negra Principal entre es *brujes*. Na verdade, ser homossexual fora muito mais fácil para eles aceitarem, mas apenas porque consideravam que devido ao facto de gostar de rapazes Yadriel ainda era heterossexual.

Mas Maritza ganhara, sem dúvida, o título por mérito próprio como a única vegana entre es *brujes* da sua comunidade. Um ano mais nova do que Yadriel, ela passara pela sua própria cerimónia dos quinze anos quando os completara no início daquele ano, mas recusara-se a curar porque isso exigia o uso de sangue animal. Uma das primeiras memórias que Yadriel tinha de Maritza era de a ver a chorar inconsolavelmente quando a mãe dela usara sangue de porco para curar a perna partida de uma criança. Desde muito cedo, Maritza decidira que não queria participar da cura se isso significasse ferir outra criatura viva.

Na penumbra da igreja, Yadriel podia ver o *portaje* dela pendurado ao seu pescoço — um rosário de quartzo rosa que terminava numa cruz de prata, mas onde o vaso oculto permanecia vazio. Maritza explicara que, embora se recusasse a usar os seus poderes, continuava a respeitar as *diosas* e os seus antepassados.

Yadriel admirava-a pelas suas convicções, mas também ficava frustrado com elas. Tudo o que ele queria era ser aceite — queria receber o seu próprio *portaje*, ser tratado como qualquer outro *brujo* e receber as mesmas responsabilidades. Maritza, por outro lado, recebera todos os direitos des *brujes*, mas optara por os rejeitar.

— Agora, despacha-te! — disse Maritza, acenando para ele com impaciência.

Yadriel respirou fundo para se acalmar.

Apertou a sua garrafa de água, sentindo o metal frio contra as palmas suadas, e exalou através dos lábios franzidos.

Com uma resolução mais firme, Yadriel desenroscou a tampa e deitou o sangue de galinha na tigela. Em sua honra, Maritza fez o possível para esconder a sua expressão de nojo.

Enquanto o líquido vermelho-escuro se misturava com a tequila, uma rajada de vento soprou pela igreja. As chamas das velas tremeluziram. O ar na nave parecia denso, como se estivesse apinhado de corpos, embora, tirando ele e Maritza, a igreja estivesse vazia.

A adrenalina percorria as veias de Yadriel e calafrios excitados subiam-lhe pelos braços. Quando falou, ele fez o possível para manter a voz firme e profunda.

— *Santísima Santa Muerte, te pido tu bendición* — disse Yadriel, chamando a Senhora da Morte para pedir a sua bênção.

Uma lufada de ar roçou o rosto dele e arrastou-se como dedos pelo seu cabelo. As chamas tremeluziram e a estátua da Senhora da Morte pareceu viva, de repente. Ela não se moveu nem mudou, mas Yadriel podia sentir algo a pressionar na sua direção.

Ele acendeu um fósforo e deitou-o na tigela. O líquido incendiou-se, explodindo em chamas.

— *Prometo proteger a los vivos y guiar a los muertos* — disse Yadriel, prometendo cumprir as responsabilidades dos *brujos*. As suas mãos tremiam e ele agarrou o seu *portaje* com mais força.

— *Esta es mi sangre, derramada por ti.* — Segurando a adaga, Yadriel abriu a boca e pressionou a ponta da lâmina contra a língua até a ferir. Estremecendo, segurou o *portaje* diante de si. Uma fina linha vermelha brilhava na ponta da lâmina à luz quente das velas.

Ele segurou a adaga sobre a tigela em chamas. Assim que as chamas lamberam o aço, o sangue fervilhou e as velas arderam como tochas, com chamas altas e fortes. Yadriel semicerrou os olhos quando uma onda de calor lhe atingiu o rosto.

Retirou o *portaje* do fogo e disse as palavras finais.

— *Con un beso, te prometo mi devoción* — murmurou, antes de passar a língua pelos lábios. Equilibrando o punho da adaga na palma da mão, beijou a imagem da Senhora da Morte.

Uma luz dourada brilhou na ponta da lâmina e desceu pelo punho até à mão dele. A sua pele brilhou quando a luz lhe percorreu os dedos e subiu pelo braço. Desceu-lhe pelas pernas e rodopiou-lhe em volta dos dedos dos pés. Yadriel estremeceu, sentindo uma sensação emocionante a roubar-lhe o fôlego.

Tão rápido como aparecera, o zumbido espesso da magia na igreja dissipou-se. As chamas das velas extinguiram-se no mesmo impulso. O ar na nave ficou silencioso. Yadriel puxou a manga da sua camisola para cima e olhou maravilhado para o seu braço enquanto a luz dourada desaparecia, deixando a sua pele morena sem adornos.

Ele olhou para a Senhora da Morte.

— Caraças — murmurou Yadriel, levando as mãos à cara. — Caraças! — repetiu. — Funcionou! — Tocou no peito, sentindo a batida estrondosa do seu coração a pulsar contra a palma da mão. Olhou bruscamente para Maritza em busca de confirmação. — Achas que… funcionou?

O fogo na tigela cintilava nos olhos dela e havia um enorme sorriso no seu rosto.

— Só há uma maneira de descobrirmos.

O riso borbulhou na garganta de Yadriel; o alívio e a adrenalina deixavam-no meio delirante.

— Certo.

Se a Senhora da Morte o abençoara, concedendo-lhe os poderes des *brujes*, isso significava que ele podia evocar um espírito perdido. Se conseguisse evocar um espírito e libertá-lo para a vida após a morte, provaria finalmente quem era a todos — aes *brujes*, à sua família e ao seu pai. Eles vê-lo-iam tal como era. Um rapaz e um *brujo*.

Yadriel levantou-se, segurando o seu *portaje* cuidadosamente contra o peito. Mordeu os lábios, sentindo os últimos vestígios de sangue. A língua ardia-lhe, mas o corte era pequeno. Doía tanto como quando se queimara a tentar beber *café de olla*[4] acabado de retirar do fogão.

Enquanto Maritza reunia as velas, evitando declaradamente a tigela de sangue flamejante, Yadriel aproximou-se da estátua da Senhora da Morte. Com pouco mais de metro e meio, ele teve de esticar o pescoço para trás para olhar para ela na sua alcova.

Desejou poder falar com ela. Será que ela o podia ver tal como ele realmente era? Aquilo que a sua própria família não conseguia fazer? Yadriel passara anos a sentir-se incompreendido por todos, exceto por Maritza. Quando lhe dissera que era trans, três anos antes, ela nem sequer pestanejara.

— *Ay*, finalmente! — dissera ela, exasperada, mas sorrindo. — Achei que havia alguma coisa e só estava à espera de que me dissesses.

Durante todo esse tempo, Maritza tinha sido a fiel guardiã do seu segredo, alternando suavemente entre pronomes quando estavam sozinhos *versus* quando estavam perto de todos os outros, até ele estar pronto.

[4] Um café mexicano típico, tradicionalmente feito numa grande panela de barro ou de esmalte. É feito com café moído, canela e um açúcar escuro chamado «piloncillo». (*N. da T.*)

Ele demorou mais um ano, até fazer catorze, para ganhar coragem para se assumir perante a sua família. Não tinha corrido tão bem e ainda era uma luta constante para conseguir que eles e es outres *brujes* usassem os pronomes corretos e o chamassem pelo nome correto.

Além de Maritza, a sua mãe, Camila, fora quem mais o apoiara. Era preciso tempo para uma pessoa reaprender os velhos hábitos, mas ela aprendera surpreendentemente depressa. A mãe de Yadriel até assumira a tarefa de corrigir gentilmente as pessoas para que ele não precisasse de o fazer. Era um fardo pesado, pequenas instâncias que se acumulavam, mas a sua mãe ajudara-o a carregar um pouco do peso.

Quando ele se sentia especialmente desgastado, devido à luta constante para ser quem era — quer fosse na escola, quer na sua própria comunidade —, a mãe sentava-o no sofá, puxava-o para si e ele descansava a cabeça no seu ombro. Ela cheirava sempre a cravo e canela, como se tivesse acabado de fazer uma *torta bejarana*. Enquanto passava gentilmente os dedos pelo cabelo dele, ela murmurava, *Mi hijo, mi Yadriel*, persuadindo lentamente a dor a transformar-se numa mágoa surda que nunca desaparecia completamente.

Mas ela morrera há quase um ano.

Yadriel fungou e passou o punho pelo nariz, sentindo a parte de trás da garganta a arder.

Este seria o primeiro Dia dos Mortos desde que ela morrera. No dia 1 de novembro à meia-noite os sinos da igreja tocariam, dando as boas-vindas ao cemitério, aos espíritos des *brujes* falecides. Então, durante dois dias, Yadriel poderia vê-la novamente.

Ele iria mostrar-lhe que era um *verdadeiro brujo*. Um filho do qual ela se podia orgulhar. Executaria as tarefas que o seu pai e o pai do seu pai tinham como filhos da Senhora da Morte. Yadriel iria provar quem era perante todos.

— Anda, *brujo* — Maritza chamou-o gentilmente com um aceno. — Temos de sair daqui antes que alguém nos encontre.

Yadriel virou-se e sorriu.

*Brujo*.

Estava prestes a baixar-se para apanhar a tigela do chão quando sentiu os cabelos da nuca arrepiarem-se. Yadriel gelou e olhou para Maritza, que também parara a meio do caminho.

Algo não estava bem.

— Sentiste aquilo? — perguntou ele. Mesmo num sussurro, a sua voz parecia demasiado alta na igreja vazia.

Maritza assentiu.

— O que é?

Yadriel abanou ligeiramente a cabeça. Era quase como a sensação de um espírito próximo, mas diferente. Mais forte do que qualquer coisa que Yadriel alguma vez sentira antes. Uma sensação de pavor inexplicável invadiu o seu estômago.

Viu Maritza estremecer e, no mesmo instante, sentiu um formigamento na espinha.

Houve um segundo de nada.

Então, uma dor lancinante atingiu o peito de Yadriel.

Ele gritou, enquanto a força o colocava de joelhos.

Maritza caiu, com um grito estrangulado alojado na garganta.

A dor era insuportável. A respiração de Yadriel saía entrecortada, enquanto ele se agarrava ao peito. Os olhos lacrimejaram-lhe, obscurecendo a visão da Senhora da Morte parada acima dele.

Quando pensou que não aguentava mais, que a dor iria matá-lo com toda a certeza, ela parou.

A tensão libertou-se dos seus músculos e os seus braços e pernas ficaram moles e pesados de exaustão. O suor colava-se-lhe à pele. Sentia o corpo tremer enquanto inspirava bruscamente. Yadriel apertou a mão sobre o peito, logo acima do coração, onde a dor latejante se transformava lentamente numa dor surda. Maritza ajoelhou-se no chão, com a mão pressionada no mesmo sítio. Tinha a pele pálida e coberta por uma camada de suor.

Fitaram-se, tentando recuperar o fôlego. Não disseram nada. Sabiam o que aquilo significava. Conseguiam senti-lo nos ossos.

Miguel desaparecera. Um deles tinha morrido.